Caiado se acomoda no bolsonarismo

02/11/2019 - 20:15

O governador Ronaldo Caiado (DEM) defendeu na semana passada o presidente Jair Bolsonaro e seu filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, de uma forma que ele ainda não havia feito. Na quarta-feira (30) criticou a reportagem da Rede Globo sobre a citação do nome do presidente em depoimento de um porteiro no caso do assassinato da vereadora Marielle Franco. E não foi uma defesa protocolar. Foi incisiva, ao estilo bolsonarista. Disse que a reportagem nem devia ter sido publicada e sugeriu que ela teria o intuito de desestabilizar a estrutura democrática, porque “ não ganharam as eleições”. Um dia depois, em entrevista durante o jogo Goiás x Flamengo, no Serra Dourada, minimizou as declarações de Eduardo de defesa do retorno do AI-5 na hipótese de “radicalização da esquerda”. “Hoje nós vivemos um processo democrático, estabelecido, instalado, com todas as instituições funcionando normalmente. (...) Você deve perguntar também se vale a pena, a todo momento, criar fatos que não procedem (...) para criar um clima como esse de instabilidade no país “, disse. Muito diferente das reações de dois de seus correligionários. O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, chamou as declarações de Eduardo de “repugnantes” do ponto de vista democrático. Davi Alcolumbre, presidente do Senado, chamou-as de “incitação antidemocrática”. Será que Caiado inclui os dois entre os que “não ganharam as eleições” e que, agora, criam um “clima de instabilidade?” Dúvidas à parte, seu comportamento se justifica por seu desejo de receber ajuda federal. Só que o fôlego de R$ 3,1 bilhões no caixa do Tesouro estadual neste ano (R$ 1,5 bilhão com suspensão do pagamento dos serviços da dívida e R$ 1,6 bilhão dos recursos de depósitos judiciais) veio de a uma liminar do Supremo Tribunal Federal (STF) e de um projeto de lei do Tribunal de Justiça aprovado pela Assembleia Legislativa. A ajuda de Brasília foi pífia. Caiado sabe disso, tanto que declarou em Brasília depois de uma audiência com o ministro Paulo Guedes: “Fui eleito no dia 7 de outubro. No dia seguinte comecei a trabalhar para superar as dificuldades financeiras do Estado. Estamos em 23 de outubro e até hoje não consegui nada.” Nem por isso ele desistirá da ajuda, mas podia buscá-la como o fez nesses 10 meses, sem se envolver nas confusões da família presidencial. O que o fez mudar? O governador iniciou-se na política no final dos anos 80 na União Democrática Ruralista (UDR), uma entidade que ficou conhecida por suas posições reacionárias e sem apego ao liberalismo. Acrescente-se a isso sua própria origem familiar. Os Caiado deram sustentação ao governo militar em Goiás. Ao longo de sua carreira, ele burilou e lustrou seu discurso de raiz reacionária. Todavia, percebem-se marcas dela em seu governo, com forte base na segurança pública e no agronegócio. Caiado não defende que “bandido bom é bandido morto”, como Bolsonaro o faz. Mas o número de ocorrências policiais com mortes aumentou em 36% entre janeiro e setembro. O de mortos por policiais é desconhecido, porque seu governo decretou sigilo sobre essa informação. Em meio à defesa da revisão da política de incentivos fiscais, o governo não se mostra disposto a mexer com o setor de grãos. A indústria goiana defende estímulo ao processamento da soja. Segundo a Fieg, exportação de soja do Estado saltou de 29%, em 2011, para 52%, em 2018, enquanto a indústria de processamento opera com 32% de capacidade ociosa. Manter as exportações é interesse do setor agropecuário. São indícios de que Caiado defende Bolsonaro não apenas para receber contrapartida federal a seu governo, mas que porque defende seus próprios pontos de vista. Em meio à reacomodação que ocorre no amplo grupo político que apoiou a eleição de Bolsonaro, parece que chegou a vez de Caiado fazer escolhas. E pelo visto ele se reaproxima de suas origens e, consequentemente, do bolsonarismo, e se distancia das ideais liberais de seus amigos, como Rodrigo Maia.